A Noite de Iguala

The Night of Iguala

Olof Ohlson

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/10654>

DOI: 10.4000/pontourbe.10654

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Olof Ohlson, «A Noite de Iguala», *Ponto Urbe* [Online], 28 | 2021, posto online no dia 27 julho 2021, consultado o 31 julho 2021. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/10654> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.10654>

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 julho 2021.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

A Noite de Iguala

The Night of Iguala

Olof Ohlson

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 04/08/2020

Aceitação / Accepted 23/06/2021

- 1 Esta matéria é uma compilação de notas e extratos do diário de campo que escrevi enquanto conduzia trabalho de campo participativo com ativistas mexicanos por dezesseis meses entre 2014 e 2015. Durante esse período, fiz amizade e acompanhei Os Padres e Mães de Ayotzinapa, um coletivo de pais de três estudantes assassinados e 43 desaparecidos que foram alunos de professores rurais, violentamente atacados e sequestrados pela polícia municipal em Guerrero, sudoeste do México, em 26 de setembro de 2014 (Concha 2015; Giei 2015).
- 2 Participei das reuniões semanais da chamada Plataforma de Solidariedade com Ayotzinapa, um fórum ativista que consistia em vários movimentos sociais, sindicatos, grupos de direitos humanos, representantes de estudantes e sobreviventes do ataque aos estudantes de Ayotzinapa, que planejaram e ajudaram a coordenar os protestos das famílias Ayotzinapa na Cidade do México, enquanto procuravam pressionar o Estado a encontrar seus jovens sequestrados, levar os autores ao tribunal e revelar a verdade do que lhes havia acontecido. Grande parte do material deste relato consiste nas entrevistas que realizei com os pais e mães de Ayotzinapa e as gravações transcritas de seus discursos públicos dos protestos.
- 3 Atualmente, o México vive na época dos 'narcos' – narcotraficantes e gangues criminosas organizadas, geralmente chamados 'narcocartéis', que lucram com contrabando de drogas, sequestros e extorsões – com duas décadas intensas de violência relacionada ao narcotráfico quando o governo lançou a guerra às drogas em 2006 (Pereyra, 2012). O país há muito tempo tem uma taxa alta de homicídios, mas essa guerra em combinação com o impacto da luta interna dos narcocartéis pelo domínio e

controle das rotas de contrabando de cocaína e ópio para os Estados Unidos, resultou em um número total de pelo menos 37.000 desaparecidos e mais de 200.000 mortos (RNPED, 2018).

- 4 Eu estava na primeira reunião quando a plataforma de solidariedade foi criada e quando discutimos nossa resposta ao ataque violento da polícia contra os jovens estudantes ocorrido na cidade de Iguala, no estado de Guerrero. Seis civis foram mortos e 43 estudantes da 'La Normal Rural Raúl Isidro Burgos de Ayotzinapa', uma faculdade masculina de professores rurais, foram atacados e posteriormente levados pela polícia municipal. Omar García, um sobrevivente do massacre conhecido como 'A Noite de Iguala', veio nos dar seu testemunho e organizar protestos para seus camaradas desaparecidos:

Fomos a Iguala para arrecadar dinheiro e ocupar os ônibus¹. Mas quando estávamos saindo, a polícia nos parou e começou a atirar em nós. Eu estava com um amigo ferido que havia levado um tiro na cara. Estávamos correndo pelas nossas vidas pelas ruas de Iguala, batendo nas portas em busca de um hospital. Estava escuro e tudo o que se via era o tiroteio (Omar García, testemunho, Cidade do México, 30 de setembro de 2014).

- 5 Omar García assumiu um papel de liderança ao lado dos pais e mães dos estudantes desaparecidos no movimento de protesto nacional que estava prestes a varrer o país. Nos meses que se seguiram, os Pais e Mães de Ayotzinapa fizeram marchas semanais na capital para exigir que seus filhos lhes fossem devolvidos vivos. Bernabé Abraján, um produtor de milho de Guerrero como a maioria dos pais, expressou sua perplexidade quando conversei com ele durante um de seus protestos na Cidade do México no início de novembro:

Na última ligação que ele fez, ele disse: 'A polícia está nos atacando'. Nós nos perguntamos por que isso aconteceu conosco, porque não estamos envolvidos com cartéis ou com o governo, somos agricultores pobres que querem viver uma vida tranquila, nada mais. O que aconteceu mudou nossas vidas. Estamos procurando nossos filhos desde quando o sol nasce até o sol se pôr (entrevista, Bernabé Abraján, Cidade do México, 12 de novembro de 2014).

- 6 Nos próximos meses, uma equipe forense internacional, a Equipe Argentina de Antropologia Forense (EAAF), ajudou na investigação como um grupo independente que tinha a confiança dos Pais e Mães de Ayotzinapa. Em contraponto, a Procuradoria Geral da República (PGR), liderada na época por Jesús Murillo Karam, supervisionava a investigação policial que, por sua vez, era liderada pelo investigador-chefe Tomás Zerón.
- 7 Os Pais e Mães de Ayotzinapa e os sobreviventes logo começaram a suspeitar que o governo federal e os promotores encarregados estavam tentando encobrir o que realmente havia acontecido com os estudantes desaparecidos desde que testemunhas viram soldados nas ruas naquela noite, mas a investigação, por sua vez, concentraria seus esforços no narcocartel local chamado Guerreros Unidos. Omar García, Bernabé Abraján, Felipe Sandoval e os outros pais logo começaram a pedir a renúncia do então presidente Enrique Peña Nieto (2012-18), gritando '¡Fora Peña!' 'Fora Peña!', durante seus protestos em massa na capital, acompanhados do grito 'Foi o Estado!'
- 8 No início de novembro, o procurador-geral, Jesús Murillo Karam, realizou uma conferência de imprensa e apresentou o que ele chamou de 'a verdade histórica' para esclarecer os fatos sobre o caso. Segundo esta versão, os 43 estudantes foram entregues a membros da Guerreros Unidos, que os levaram a uma lixeira local fora da cidade de

Cocula. Ali, eles foram executados, seus corpos queimados em uma grande fogueira, e seus restos mortais foram colocados em sacos plásticos e jogados no rio San Juan, nas proximidades. A polícia municipal de Iguala teria atacado os estudantes porque os confundiram com o narcocartel Os Vermelhos (Jesús Murillo Karam, conferência de imprensa, Cidade do México, 7 de novembro de 2014). No entanto, a EAAF criticou essas alegações e não constatou correspondência entre o DNA dos restos encontrados no rio e o de nenhum dos estudantes.

- 9 Agora, um caso de verdadeira necropolítica forense se seguiu com duas versões rivais do massacre. Observadores da necropolítica da América Latina já haviam criticado anteriormente como os estados organizam regimes necropolíticos controlando as investigações forenses e processos de desumanização para tornar alguns grupos na sociedade extermináveis (Mbembe 2008). Movimentos sociais e especialistas forenses independentes podem combater esses regimes necropolíticos, enquanto procuram recuperar as narrativas que cercam seus mortos. Isso gera a necropolítica como um campo contestado com interesses conflitantes, e o México viu uma luta política tão contenciosa com diferentes partes interessadas (por exemplo, instituições estaduais, promotores federais, especialistas forenses internacionais, cartéis de narco e movimentos sociais) competindo pelo controle da verdade forense no caso com os 43 alunos.
- 10 Os Pais e Mães de Ayotzinapa suspeitaram que a investigação tentasse desviar a culpa, identificando-a pelo crime organizado e o prefeito local José Luis Abarca – preso por ser suspeito de ter ordenado o ataque e de ser membro do cartel Guerreros Unidos – do partido PRD da esquerda, um partido político diferente da administração do PRI, que detinha o poder na época.
- 11 A jornalista Anabel Hernández revelou que a polícia federal participou do ataque naquela noite e disse que tinha provas de que os últimos locais registrados no GPS de dois dos telefones pertencentes aos estudantes desaparecidos vieram da base militar do 27º. Batalhão de Infantaria sediado em Iguala (Hernández, 2016: 23, 51, 58-60, 161-75). Ninguém foi autorizado a vasculhar a base, o que apenas levantou suspeitas de que o exército estivesse envolvido no massacre, assim como testemunhas como Omar García alegou.
- 12 Hernández também expôs que a coleta de informações, ou os chamados sistema C4², estavam operando naquela noite, o que implicou o exército, a polícia federal e o governo do estado de Guerrero, pois o sistema C4 mantinha os estudantes sob vigilância três horas antes do ataque naquela noite (Hernández, 2016: 7). Sob essa luz, o massacre de Iguala apareceu como um ato de repressão política intencional contra estudantes pobres e predominantemente indígenas.
- 13 Os Pais e Mães de Ayotzinapa mantiveram a esperança desesperada de que seus filhos desaparecidos ainda estivessem vivos. Sem saber ao certo se seus filhos poderiam ser encontrados, foram apanhados entre esperança e desespero. A técnica criminoso de desaparecer corpos pode ser uma maneira eficaz de manter as famílias caladas, já que parentes próximos podem optar por não se manifestar com medo de causar a morte de seu ente sequestrado – e impedir investigações sobre o crime. A tática funciona através da violência invisível, pois o desaparecimento dos corpos utiliza o medo como um meio de controle social (Robben, 2007). Parentes dessas vítimas, no entanto, muitas vezes se recusam a ficar dentro de suas casas para serem assombrados por pesadelos e, em vez

disso, respondem com ativismo. Quando falam contra o terror, quebram o reino do silêncio que a técnica criminosa dos corpos desaparecidos tenta manter.

- 14 Movimentos Sociais de vítimas de violência estatal geralmente demonstram desafio aos regimes necropolíticos ao recordar memórias violentas no espaço público (Robben, 2007). Essa implantação estratégica de uma ‘política de visibilidade’ faz pleno uso do ‘poder moral e mágico dos mortos inquietos’, pois os ativistas usam testemunhos e fotos de vítimas para convidar a sociedade a se juntar a eles em sua luta (Taussig, 1992: 48).
- 15 Em janeiro de 2015, as famílias de Ayotzinapa tentaram invadir a base do 27º. Batalhão de Infantaria em Iguala, mas foram atingidas por balas de borracha que as detiveram e feriram várias pessoas. Gradualmente, os Pais e Mães de Ayotzinapa se voltaram para a desobediência civil tentando boicotar as eleições de meio de mandato que deveriam renovar os 500 assentos da câmara baixa do Congresso Mexicano, e também de nove de 31 governos e centenas de prefeitos locais. ‘Queremos que nossos filhos sejam encontrados primeiro e depois pode haver eleições’, proclamaram as famílias, quando tomaram as urnas e os escritórios eleitorais, recolheram os boletins de voto e os queimaram nas ruas em grandes fogueiras.
- 16 Eles conseguiram impedir a votação em 444 cabines de votação, ou 4,4% das cabines de votação em Oaxaca e Guerrero (Lorenzen & Orozco 2016: 185). Talvez a ação não tenha sido totalmente bem-sucedida em impedir a regeneração da classe política, mas constituiu uma ação simbólica poderosa de desobediência, pois mostrou a desconfiança nos partidos políticos do México, nos funcionários eleitos e na independência dos políticos em relação ao narconegócio.
- 17 Este e muitos outros protestos aconteceram sem que nenhum aluno reaparecesse, embora o governador de Guerrero, Ángel Aguirre, do PRI, tenha sido obrigado a renunciar por sua má gestão do estado infestado de crimes. Após quase doze meses de desobediência civil e protestos constantes, o Grupo Interdisciplinar de Expertos Independientes (GIEI), trabalhando em nome da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), divulgou um relatório sobre o caso, refutando a versão oficial da investigação como ‘cientificamente impossível’, uma vez que não havia evidências de uma grande fogueira no local do lixão fora de Cocula, onde a PGR alegou que os estudantes foram mortos e seus corpos queimados (GIEI 2015: 340-42). As suspeitas dos Pais e Mães de Ayotzinapa de que a PGR tenha encenado cenas de crimes falsos no rio San Juan e no depósito de lixo ganharam então mais força.
- 18 As conclusões do GIEI desafiaram a ‘verdade histórica’ do PGR mas o PGR se recusou a aceitar o relatório do GIEI e continuou a repetir sua narrativa original. A suspeita de que os procuradores federais da PGR com o chefe de investigação, Tomás Zerón, procuraram ativamente ocultar a verdade e o grau de envolvimento do Estado no desaparecimento dos 43 estudantes enfureceu a população o suficiente para que as multidões retornassem às ruas para o primeiro evento anual de protesto que marcou o aniversário da “Noite de Iguala”. Como os próprios Pais e Mães de Ayotzinapa declararam:

Estamos em greve! Ficamos furiosos porque eles brincaram com nossos sentimentos. Com todas as nossas vozes, denunciemos o governo de Enrique Peña Nieto e sua cumplicidade nos assassinatos em Iguala. Um crime como esse não pode ser esquecido, porque, se ficarmos calados, eles nos condenarão a revivê-lo novamente, e esse pesadelo não deverá se repetir novamente (Felipe de la Cruz Sandoval, discurso público, 26 de setembro de 2015).

- 19 O relatório do GIEI também sugeriu que a investigação policial se dedicasse a investigar um quinto ônibus desaparecido, o que nunca foi mencionado no relatório oficial sobre o massacre. A GIEI apresentou a hipótese de que este ônibus poderia ter uma carga de heroína destinada aos Estados Unidos, que conectaria o massacre de Iguala e o ataque policial coordenado aos estudantes ao negócio de narcotraficantes (GIEI, 2015: 191-94). Os estudantes desarmados podem ter tido a má sorte de ocupar o ônibus errado. A GIEI também relatou que os soldados estavam presentes em várias das cenas de crime naquela noite e recomendou uma busca na base do exército em Iguala (GIEI, 2015: 191-95).
- 20 O caso dos 43 estudantes desaparecidos permanece sem solução até hoje. A Comissão de Verdade, que está em andamento, criada em 2019, ainda pode trazer verdade, consenso forense, justiça e conclusões às famílias. O ex-chefe da investigação policial Tomás Zerón pode ser extraditado do Canadá logo após um pedido da administração do presidente Andrés Manuel López Obrador (AMLO) e da ordem de prisão da Interpol, suspeito de irregularidades por mudar a cena do crime, ocultar e fabricar evidências e pela supervisão da tortura de alguns dos supostos membros da Guerreros Unidos anteriormente presos.
- 21 O ex-presidente Enrique Peña Nieto, o então procurador-geral Jesús Murillo Karam e altos oficiais do exército também devem estar tremendo. Sua marca especial de ‘necropolítica’ com esquemas forenses e um tipo de ‘narcopolítica’ para proteger as cargas de ópio ao norte está sendo revelada pelo que sempre foi. Como o movimento de protesto tendia a cantar: ‘Quando o Povo Se Levanta, Por Pão Liberdade e Terra, Tremem os Poderosos, Desde a Costa Até Montanha!’
-

BIBLIOGRAFIA

CONCHA, Miguel Malo. Ayotzinapa: preocupaciones abiertas. *El Cotidiano*, n. 189, p. 45-49, 2015. Disponível em <<https://www.redalyc.org/pdf/325/32533819006.pdf>>. Acesso em 09 Jun 2021. ISSN: 0186-1840.

GRUPO INTERDISCIPLINARIO DE EXPERTOS INDEPENDIENTES, COMISSÃO INTERAMERICANA DE DEREITOS HUMANOS. Informe Ayotzinapa: Investigación y primeras conclusiones de las desapariciones y homicidios de los normalistas de Ayotzinapa. 2015. Disponível em https://www.casade.org/BibliotecaCasade/Informe_AyotziGIEI.pdf>. Acesso em 09 Jun 2021.

HERNÁNDEZ, Anabel. La Verdadera Noche de Iguala: La historia que el gobierno trató de ocultar. México D.F: Grijalbo, 2016.

HUMAN RIGHTS WATCH. Mexico’s Disappeared: The Enduring Cost of a Crisis Ignored. 2013. Disponível em <<https://www.hrw.org/report/2013/02/20/mexicos-disappeared/enduring-cost-crisis-ignored>>. Acesso em 09 Jun 2021.

LORENZEN, Matthew Martiny; OROZCO, Zulia Reynoso. Ayotzinapa: nuestro retrato frente al espejo. *Acta Sociológica* n. 71, p. 167-193, 2016. Disponível em <<http://www.revistas.unam.mx/>

index.php/ras/article/view/58965>. Acesso em 09 Jun 2021. <http://dx.doi.org/10.1016/j.acso.2017.06.001>. ISSN 0186-6028.

MARCIAL, Rogelio. Fue el Estado, El caso de los jóvenes desaparecidos de Ayotzinapa y la crisis política en México. *Desidades* n. 6, p. 11-24, 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/desidades/article/view/2614/2184>>. Acesso em 09 Jun 2021.

MBEMBE, Achile. Necropolitics. *Public Culture* n. 15(1), p. 11-40, 2008. <https://doi.org/10.1215/08992363-15-1-11>.

PEREYRA, Guillermo. México: violencia criminal y “guerra contra el narcotráfico”. *Revista Mexicana de Sociología* n. 74(3), p. 429-460, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-25032012000300003&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 09 Jun 2021. ISSN 2594-0651.

REGISTRO NACIONAL DE DATOS DE PERSONAS EXTRAVIADAS O DESAPARECIDAS & INSTITUTO BELISARIO DOMÍNGUEZ, SENADO DE LA REPÚBLICA. Personas desaparecidas en México según cifras del RNPED. 2019. Disponível em: <<http://bibliodigitalibd.senado.gob.mx/handle/123456789/4285>>. Acesso em 07 Jul 2019.

ROBBEN, Antonius C.G.M. *Political Violence and Trauma in Argentina*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2007. ISBN 9780812220063.

TAUSSIG, Michael. *The Nervous System*. New York: Routledge, 1992. ISBN 9780415904452.

NOTAS

1. Uma prática comum entre os estudantes rurais de baixa renda no México que não podem pagar passagens de ônibus e, portanto, 'emprestam' ônibus comerciais quando desejam participar de eventos. O testemunho faz referência aos esforços dos jovens para participar da marcha anual de protesto realizada todo dia 2 de outubro em memória do massacre de Tlatelolco, 1968, conhecido como “A Noite de Tlatelolcoque”.

2. C4 é um sistema de segurança urbana. A base de um C4 é um sistema de videovigilância urbana inteligente, cuja plataforma integra outras tecnologias e infraestrutura estrategicamente para facilitar a tarefa de monitoramento, atenção, controle e resposta. É controlada por uma unidade administrativa do Ministério Público que visa planejar, organizar, programar, dirigir, controlar e avaliar as atividades desenvolvidas nos Centros de Controle, Comando, Comunicação e Informática do Estado, em coordenação com o Sistema Público Nacional de Segurança.

RESUMOS

‘A Noite de Iguala’ refere-se a um massacre policial de 46 estudantes, três mortos e 43 até hoje desaparecidos, ocorrido em Guerrero, no México, em 2014. Esta contribuição baseada em notas de campo narra a história de como os pais dos estudantes massacrados lideraram um movimento nacional de protesto pela verdade; que derrubou o governo do estado de Guerrero e, por fim, levou a uma comissão da verdade em andamento em 2020. É uma história sobre como ativistas alinhados a pesquisadores independentes podem combater regimes de necropolítica estatal e

sobre a bravura inacreditável de um coletivo de agricultores enfrentando o pior dos pesadelos, que podem servir de exemplo para uma nação violenta e arrasada que testemunha uma época de narcóticos.

‘The Night of Iguala’ refers to a police massacre of 46 students, three dead and 43 still missing until today, which took place in Guerrero, Mexico, in 2014. This contribution based on field notes tells the story of how the parents of massacred students led a nationwide protest movement for the truth of what happened which overthrew the state government of Guerrero and ultimately led to a truth commission now underway. It is a story of how activists aligned with independent researchers can combat regimes of state necropolitics and the unbelievable bravery of a collective of poor farmers in the face of the worst of nightmares that can serve as an example for the violent torn nation that currently lives through the epoch of the ‘narcos’.

ÍNDICE

Palavras-chave: México, ativismo, necropolítica, ayotzinapa, comissões da verdade

Keywords: Mexico, activism, necropolitics, ayotzinapa, truth commission

AUTOR

OLOF OHLSON

Ph.D. Social Anthropology at The University of Edinburgh

School of Social and Political Science

E-mail: ohlson.oloof@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1819-9658>